

ns do seculo XIII até aos nossos dias, época triumphal em que o espartilho logrou atingir as mais belas e caprichosas formas, tornando-se um complemento logico da graca feminina.

Seria justo talvez designar por sexta época da evolução do espartilho a que decorre desde 1880 até hoje, a que se poderia aplicar a classificação de período do espartilho higienico.

Os medicos dos países mais cultos, em artigos de jornaes e revistas, e em livros de ensino e de vulgarização, teem-se occupado largamente do espartilho considerado sob o ponto de vista higienico, e aconselhando algumas modificações no seu corte, nos tecidos que o formam, nas barbas e elasticos com que é confeccionado.

Importantes teses teem sido apresentadas ás faculdades de medicina de Paris, Londres e Berlim versando esse problema, que mesmo entre nós tem sido objecto do estudo de alguns clinicos, recolhendo-lhe a utilidade manifesta em innumissimos casos.

O certo é que da discussão alguma coisa de util resultou para a industria do espartilho, ou melhor para o bello-sexo, para quem o colete espartilhado se creou como a mais graciosa peça da toilette feminina.

Medicos e cirurgiões encaram o espartilho como um amigo e um auxiliar valioso, e assim um côro triumphal de bençãos envolve hoje esse objecto sem rival, gracioso, delicado e utilissimo.

O espartilho em Portugal

Está quase inteiramente por fazer a historia do espartilho em Portugal.

Nos ultimos anos, se não estamos em erro, apenas a Ilustração Portuguesa, em varios artigos illustrados, tem versado o assunto, derramando alguma luz sobre a adopção do espartilho no nosso país. A fóra isto, ha os trabalhos de um ou outro medico, publicados em artigos de jornaes, mas apenas tratando o assunto sob o ponto de vista higienico.

Segundo um dos interessantes artigos que a Ilustração Portuguesa consagrou ao espartilho, só em principios do seculo XVI a nossa mulher começou a adoptar essa peça de vestuario, sendo de presumir que os primeiros coletes espartilhados usados pelas damas portuguesas tivessem vindo nos enxovões das princezas que os nossos monarchas iam buscar ás côrtes faustosas do estrangeiro.

Durante o seculo XVI o uso do espartilho entre nós circunscreveu-se á côrte. As senhoras da burguesia só o adoptaram em pleno seculo XVII, quando as modas o impuseram como um artigo indispensavel da toilette feminina.

Até ahí, a mulher portuguesa usava o colete sem varas, como o usam ainda hoje muitas camponesas do Minho e algumas varinas. Estes corpetes são talhados aos gomos, cozidos em entretelas reforçadas, que lhes dão uma certa rigidez, e sobrepostos aos seios. São apertados por meio de

generalizou entre nós o uso do esardilho de barba de baleia.

Comtudo até quase ao fim do seculo XVIII, embora generalizado o uso do espartilho, este era confeccionado em casa das familias, como qualquer outro artigo do vestuario feminino.

As espartilheiras de nomeada andavam de palacio em palacio a tallar nos brocados e gorgorões de seda os espartilhos ponteados das sécias preciosas.

Quando mais tarde, passada a moda efemera do Imperio, o espartilho moderno foi creado para adelgaçar as cinturas de vespa das meninas romanticas de 1830, e a faixa romana desceu á sepultura, pôde dizer-se que só então a industria do espartilho nasceu em Portugal.

Damas nobres e sephoras da burguesia começaram a dar consumo ao espartilho barbaado, desenvolvendo-se a profissão das espartilheiras.

Industria caseira então, pois que as primitivas espartilheiras se limitavam a executar as encomendas que lhes transmittiam as senhoras das classes abastadas.

E, desde que o artigo começou a ter procura, logo o estrangeiro nos invadiu o mercado com os seus productos, e dentro em breve os navios de carga desembarcavam anualmente nas alfandegas portuguesas milhares e milhares de espartilhos, para as elegantes das Laranjeiras e de S. Carlos e para as burguesinhas frequentadoras do Passeio Publico e dos outros jardins que eram ponto de reunião das classes burguesas.

Com a concorrência estrangeira, não medraram as espartilheiras portuguesas, que limitavam a sua industria á execução de uma ou outra encomenda.

Com a protecção dispensada á industria portugueza pelas pautas alfandegarias promulgadas em 1891, esboçou-se o fabrico de espartilhos em larga escala, mas não foram bem succedidas as primeiras tentativas (que se devem, na sua maioria, a fabricantes espanhoes) não só por falta de conhecimentos técnicos como tambem por não disporem de capitais que permitissem arrostar com os prejuizos e contrariedades de toda a ordem a que estão sujeitas nos primeiros anos as industrias nascentes.

Falhamos inteiramente as officinas que fabricantes portugueses e espanhoes montaram nas cidades de Lisboa, Porto e Santarem.

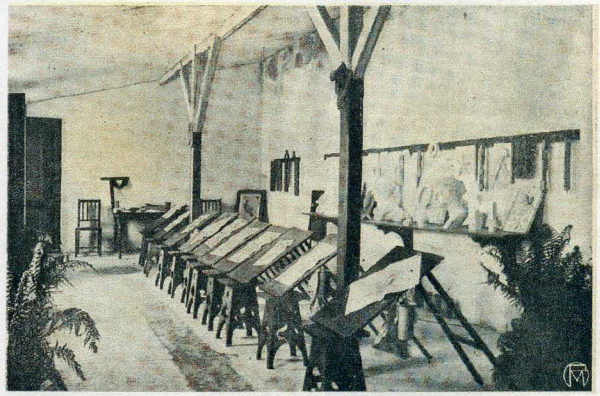
Mas em curto praso uma outra tentativa seria coroada do melhor exito, permitindo-nos contar hoje na Amadora a primeira fabrica de espartilhos da peninsula, e uma das maiores da Europa.

Graças á tenacidade dos srs. Santos Mattos & C.^a, Portugal possui hoje a industria dos espartilhos, rivalizando com os melhores productos manufacturados no estrangeiro.

A fabrica de espartilhos Santos Mattos & C.^a

A grande fabrica de espartilhos da firma Santos Mattos & C.^a contrasta hoje nota-

Mas tam acertada foi a direcção imprimida á minuscula officina por duas senhoras, dedicadas colaboradoras dos proprietarios, D. Maria Mattos Madeira e D. Emilia Mattos, uma irman, outra esposa de José dos Santos Mattos, o diligente chefe da casa, que os artigos manufacturados começaram a vulgarizar-se, não desmerecendo no confronto com os productos similares importados do estrangeiro, e d'ahi o desenvolvimento



AMADORA — A aula «Roque Gameiro» da Escola Alexandre Herculano

que os activos industriales resolveram dar á fabricação dos espartilhos.

Adquiriram terreno, e edificaram então uma pequena fabrica, com que julgavam poder satisfazer as requisições que já então começavam a receber de varios pontos do país, illas e colonias portuguesas.

Mas essa edificação, de proporções modestas, em breve se tornou deficiente para corresponder á procura do artigo, que aumentava de dia para dia, e assim se foi estabelecendo uma marca de confiança, que soube conquistar justo renome, que de ano para ano mais se consolida.

Ampliando successivamente o corpo do edificio, construindo-lhe anexos e dependencias, de reforma em reforma, a fabrica Santos Mattos & C.^a tornou-se o grande estabelecimento industrial que hoje ostenta a sua magnifica fachada proximo da estação da Amadora, e que occupa uma população operaria de trescentos individuos, dos quaes o maior numero pertence ao sexo feminino. A fabrica encontra-se provida dos mais completos e modernos maquinismos, e oferece ao pessoal operario todas as condições higienicas que se exigem de um estabelecimento fabril que tem as suas proporções. Basta dizer que é a maior fabrica de espartilhos da peninsula, e uma das maiores da Europa.

Para demonstar quanto são apreciados os productos d'esta fabrica, consignaremos que a sua produção annual é actualmente de perto de 80.000 espartilhos.

Nas exposições a que a fabrica Santos Mattos tem concorrido, tem obtido sempre medalhas de ouro, como na de Paris, de 1900, S. Luis, 1904, Rio de Janeiro, 1908, etc.

Constituem a firma Santos Mattos & C.^a, proprietaria da grande fabrica a vapor de espartilhos da Amadora, os srs. José dos Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correira e José Augusto Roubaud, três bons amigos da povoação da Amadora, onde gosam geraes sympathias, pelas suas raras qualidades de coração e de trabalho.

A Amadora ufana-se justamente de possuir a Fabrica dos Espartilhos, que lhe faz honra.

RINDO

A Amadora! — linda terra
Que uma fada benfazejou,
Quantos progressos encerra!
Quantos prodigios obrou!

Tem tudo o que lhe apetece,
Tudo o que sonha ela arranjar!
Nem uma aldeia parece,
Antes cidade da estranja.

A caminhar sempre assim,
Causando o espanto geral,
Nada me repugna a mim
Ve-la um dia capital,

Fazendo abater o orgulho
A essa Lisboa velhota,

Cheia de pó e de estulto,
Feia, suja, porcalhota!

A seguir a mesma senda
Do progresso, a todo o panno,
Não é coisa que surprenda
Ve-la coiza pr'ó anno...

Pois se até deita gazeta
Illustrada e annunciadora!

Não ha nada em que não meta
O seu bedelho a Amadora!

Paris, a não defender-se
D'uma rival com tal sanha,
Terá por força de vêr-se
Um dia em palpos de aranha!

Da profecia, leitora,
Sei muito bem que não ris...
Não chamas tu á Amadora:
Um boulevard de Paris?!

E não lhe fazes favor
Enaltecendo-lhe os brillos...
Pagas amor com amor,
Pagas os seus espartilhos!

DOMINGO BRANCO.

Parque Castro Guimarães

Accedendo ás solicitações da Liga dos Melhoramentos da Amadora, dignou-se o Ex.^{mo} Sr. Conde de Castro Guimarães, em 1910, fazer cedência á Camara Municipal de Oeiras de uma bela faixa de terreno (cerca de 7.500 metros quadrados) na estrada de Carnaxide (prolongamento da Rua Luis de Camões), num dos pontos de maior futuro da Amadora.

Durante cinco anos (a contar de 1910), o tratamento do parque Castro Guimarães está a cargo da Liga dos Melhoramentos da Amadora, que ali tem executado importantes trabalhos de arriamentos e arborizações, possuindo já um viveiro de 2.000 arvores.

Em 1915, a povoação ficará dispoendo de um magnifico jardim, tornando-se o parque Castro Guimarães um dos mais amenos passeios publicos dos arredores de Lisboa.

A Camara concedeu á Liga dos Melhoramentos o subsidio de duzentos mil reis para a abertura de um poço, com o que muito lucrará o serviço de regas do parque Castro Guimarães. As obras já começaram.

Grupo dos doze

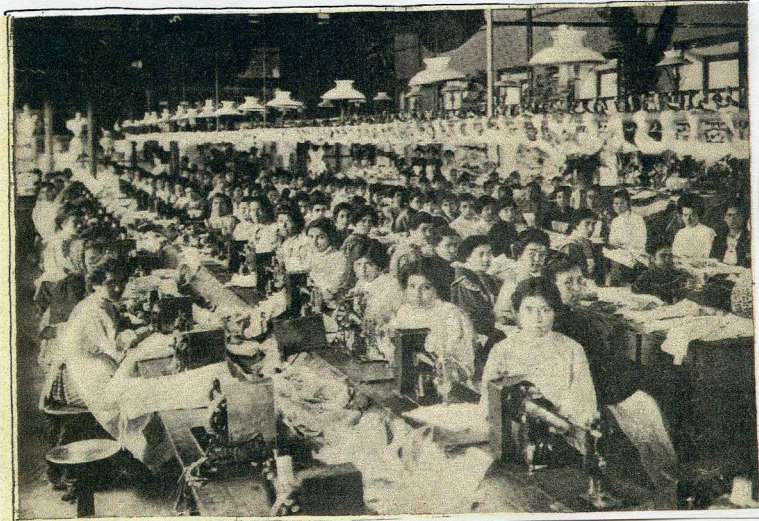
Existe na Amadora, com a designação de Grupo dos 12, uma sociedade de recreio, de constituição particular, que tem por objectivo servir de ponto de reunião aos individuos que a compõem, e onde durante o ano se realizam algumas festas para diversão das familias dos socios do grupo, e para que são convidadas tambem outras pessoas da localidade.

Fazem parte deste Grupo os srs. Narciso Leal, Belo Fialho, Carlos Paredes, J. Dias, A. Silva, Manuel da Silva Lirio, Policarpo de Almeida, José Placido, J. Santos, Francisco Vizeu, Guilherme Gomes e Alfredo Gomes.

Estação telegrafo-postal

Este melhoramento, de que a Amadora tanto carece, e pelo qual de ha três anos a esta parte tanto teem pugnado as Comissões Executivas da Liga, realizar-se-á em breve.

Já foi publicada no Diário do Governo a portaria creando a estação telegrapho postal da Amadora, que deve functionar no proximo semestre.



Fabrica de Espartilhos de Santos Mattos & C.^a — Uma das officinas da fabrica da Amadora

cordões, ou fitas cruzadas, que se enfiam por ilhozes.

A estética imperiosa dos bustos compridos das tuilettes Louis XV fez com que as damas portuguesas abandonassem definitivamente os coletes sem barbas. Foi por conseguinte no reinado de D. João V que se

velmente com a pequenina officina que foi o seu inicio, montada na Amadora no ano de 1895, com o limitadissimo numero de seis operarias, e cuja produção se destinava apenas a sortir a casa comercial que a firma referida possuia, e ainda possui, na rua do Ourço.